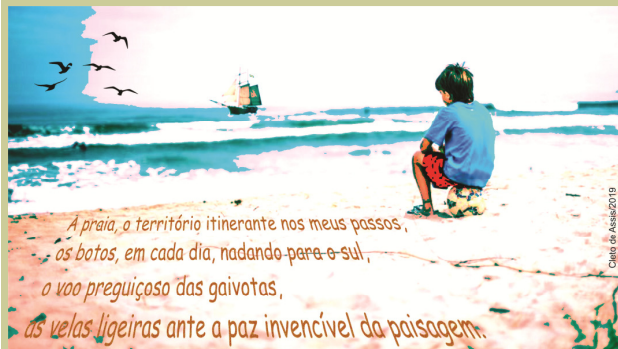


## O BARCO DA MEMÓRIA

Manoel de Andrade



*A praia, o território itinerante nos meus passos,  
os botos, em cada dia, nadando para o sul,  
o voo preguiçoso das gaivotas,  
as velas ligeiras ante a paz invencível da paisagem.*

Cleto de Assis

A infância sempre volta na hora humana do crepúsculo...  
Vem de um tempo silenciado,  
é um eco que cresce,  
um fantasma que ronda e volta comovido,  
surge remando no barco da memória,  
abre na alma um sulco imaginário, tão formoso  
e aporta para povoar a aldeia melancólica da saudade.

Traz consigo os seus inconfessáveis segredos,  
as tardes azuis e açucaradas,  
a dizer-nos que só se é criança uma vez na vida  
e que tudo que lá ficou é um mágico clarão,  
um enigma que arde imperecível,  
um nunca mais.

Em cada dia houve um tempo...,  
um tempo em que o mar banhou minha inocência.  
Herdei essa extensão entre o horizonte e o branco cinturão de areia,  
herdei do mar essa salgada lembrança,  
o mar, sempre o mar, meu mágico recanto,  
aquele mar que tanto amei  
e onde o coração navegou o meu encanto.  
A praia, o território itinerante nos meus passos,  
os botos, em cada dia, nadando para o sul,  
o voo preguiçoso das gaivotas,  
as velas ligeiras ante a paz invencível da paisagem.  
o azul e a luz espelhados sobre as águas da manhã,

as canoas trazendo suas translúcidas escamas,  
o mantra suave das ondas,  
esse rumor ainda presente no caracol dos meus ouvidos.

Eu tinha quatro, cinco, seis e sete anos,  
a alma banhada, as retinas submersas  
e em cada gesto uma sílaba antecipada do meu canto.  
Tinha as mãos cheias de caramujos, de conchas,  
e a vigiar meus olhos, o espanto.  
Tinha meus castelos,  
a espuma espessa e flutuante  
e três castas amantes para brincar.  
Tinha os fulgores da aurora, os mistérios constelados,  
uma pequenina lagoa  
e um canal estreito por onde as tainhas entravam no inverno.  
Eu tinha de minha mãe o seu regaço: mel e ternura repartidos.

Lembro meu avô cortando lenha, meu retrato mais antigo.  
Eu o chamava Pai Trajano.  
Um dia ele levou minha pobreza seminua pela mão,  
e lá, além da ponte, na loja do Seu Abrão,  
vestiu-me uma camisa colorida.

.....  
Não, Drummond, não se dissipa nunca a merencória infância.

Curitiba, 26 de janeiro de 2014